

VICENTE GARRIDO

# O PSICOPATA

UM CAMALEÃO NA SOCIEDADE ATUAL



# PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Diante da escassez de pesquisas e estudos publicados no Brasil referentes à psicopatia, chega em boa hora este livro do renomado psicólogo e criminalista espanhol professor Vicente Garrido. Traduzido por uma especialista em Psicopatologia Clínica e Psicologia da Delinquência, Dra. Juliana Teixeira, que contribuiu com um capítulo de adaptação à realidade brasileira, vem preencher um pouco esse hiato da nossa literatura científica sobre psicopatia. É uma obra que proporciona grande ajuda não só aos que atuam diretamente na área da saúde mental, como também a advogados, promotores e juízes: traz um conhecimento amplo da psicopatia no mundo todo, de maneira organizada e bastante acessível.

Trata-se de uma patologia grave e de difícil diagnóstico, pois para a psicopatia não existe, ainda, nenhum tratamento, psicoterápico ou medicamentoso, motivo pelo qual esse transtorno provoca sérios prejuízos à sociedade no que tange a custos financeiros e, também, muitos danos psicológicos aos que estão envolvidos diretamente com os portadores do distúrbio. Os indivíduos com traços psicopáticos são pessoas que agem somente em benefício próprio, não importando os meios utilizados para alcançar o seu objetivo. Além disso, são desprovidos do sentimento de culpa e dificilmente estabelecem laços afetivos com alguma pessoa – quando o fazem, é simplesmente por puro interesse.

Lembro-me bem de um fato ocorrido na época em que trabalhava como diretora administrativa de um centro psicoterapêutico, em Belo Horizonte, Minas Gerais, relacionado a um jovem que fora internado com diagnóstico de psicopatia. Era impressionante o

transtorno que esse paciente trazia para a equipe clínica; realmente, não havia quem soubesse proporcionar um tratamento adequado a ele. Era muito angustiante. Esse paciente veio trazido pela família após haver cometido uma contravenção que não lembro exatamente qual era. Permaneceu poucos dias na unidade de internação, pois o psicopata não adere a qualquer abordagem terapêutica. O que ele consegue é desestruturar o grupo de pacientes e até mesmo a equipe clínica, se não estiver bem coesa em relação às medidas a serem tomadas para o tratamento dessa patologia.

Em outra ocasião, necessitei internar um paciente que também apresentava o diagnóstico de psicopatia. Esse rapaz era usuário de drogas, tinha várias passagens pela polícia e havia destruído a casa e outros imóveis dos pais adotivos. Entrei em contato com diversas clínicas psiquiátricas de Minas Gerais, explicando o caso e a situação desesperadora em que se encontrava a família, e todos os centros contatados se recusaram a interná-lo.

Vejo, com tristeza, que muitos psicopatas estão em penitenciárias, sendo que o lugar próprio para eles seria um manicômio judiciário, por causa do alto grau de periculosidade que apresentam. Mas, atualmente, com os avanços científicos, podemos vislumbrar a descoberta de tratamentos capazes de, em um futuro próximo, não só cuidar dos doentes, como amenizar o sofrimento de quem vive junto a eles.

Esperamos que este livro, tão valioso e bem escrito, estimule os pesquisadores e cientistas brasileiros a buscarem ajuda governamental para a construção de laboratórios, como o existente em Vancouver, no Canadá, sob a direção do Dr. Robert Hare, uma das maiores autoridades do mundo em psicopatia. Então, será possível aprofundar e ampliar nossos conhecimentos de um universo ainda

pouco explorado, podendo ter a neurociência como coadjuvante no esclarecimento dessa patologia aqui, no Brasil.

Ivone Rodrigues Lisboa Patrão

Psicóloga Clínica, Neuropsicóloga  
e pós-graduada em Administração Hospitalar.

# INTRODUÇÃO

Ainda estamos buscando as origens da psicopatia, apesar de já termos, hoje, pesquisas importantes, assim como teorias, para esclarecer como os fatores biológicos e sociais podem estar envolvidos na gênese desse transtorno. No entanto, as dúvidas que persistem sobre as causas da psicopatia não invalidam a urgência de se tomar medidas que evitem a sua propagação. Como o leitor terá oportunidade de constatar nos capítulos deste livro, a psicopatia pode estender-se para além dos crimes violentos, convertendo-se em uma forma de depredação sofisticada em gabinetes de políticos, em escritórios de executivos ou na sala de estar de nosso lar. Pois, como veremos, existem psicopatas na política, nos negócios, entre educadores e nas artes.

Mas a questão maior não é “descobrir” psicopatas em todos os segmentos sociais e, sim, oferecer parâmetros para definir em que medida cada um de nós está contribuindo para promover uma cultura na qual a psicopatia encontra um campo favorável.

Os códigos e padrões que regulam a vida em sociedade influenciam os indivíduos de modo diferenciado, conforme a predisposição biológica de cada um e o seu estrato social. É o que este livro também demonstra, ao proporcionar um estudo apurado de diversos casos reais, oriundos de registros de domínio público. O leitor terá a oportunidade de verificar que as pessoas biologicamente predispostas à psicopatia exibem uma conduta extremamente cruel e criminosa quando o ambiente delas é marginal e parco em estímulos socializantes. Nesses ambientes, a psicopatia de fato nem precisa de uma grande predisposição biológica para se desenvolver, já que

muitos dos comportamentos violentos e antissociais podem aí ser aprendidos: ainda que o sujeito não seja um psicopata em sentido clínico, em ambientes assim ele poderá adquirir traços de caráter e comportamentos psicopáticos. O estudo de casos também possibilita verificar que existe o outro lado, a nossa esperança de solução: em ambientes estimuladores da autorregulação e da vida em sociedade, contrários à violência e favoráveis a valores pró-sociais, a predisposição biológica à psicopatia pode ser compensada em muitos casos ou, pelo menos, canalizar-se para formas menos prejudiciais.

Ao final, espero ter convencido você, leitor, sobre o quanto precisamos estar sempre alertas para evitar que em nosso meio social “normalizado” sejam inseridas crenças e valores que incentivam comportamentos não solidários e/ou egocêntricos. Então, estará em condições de divulgar que, na mesma medida em que isso ocorrer, a psicopatia será exacerbada, em alguns sujeitos mais que em outros, mas globalmente por certo se propagará, afetando cada vez mais indivíduos.

## APRESENTANDO O CAMALEÃO/PSICOPATA

*Camaleão.* Nome aplicado a várias espécies de répteis sáurios do género *Chamaeleo* [...]

Pessoa com habilidade para mudar de atitude, adaptando, em cada caso, a mais vantajosa.

(*Diccionario de uso del español*,  
de María Moliner)

Eugenia é uma jovem venezuelana que gosta de se comunicar através da internet, como milhões de pessoas no mundo. Em junho de 1998, iniciou um relacionamento com um rapaz chamado Enric, em um canal de *chat*. Ela, em Caracas, e ele, em Barcelona, começaram a estreitar relações. Em poucos dias, transformaram-se em um casal romântico, que dedicava várias horas falando dessas coisas das quais os seres apaixonados falam. Ele havia enviado a ela uma foto na qual parecia realmente charmoso. Era piloto de avião. Ligava frequentemente para Eugenia. “Tinha um modo de falar incrível”, dizia ela; “eu não queria sair de casa para poder continuar conversando com ele”.<sup>1</sup>

Em poucos dias, Enric convenceu Eugenia a viajar para a Espanha e encontrar-se com ele. Depois de enviar a ela um grande

---

<sup>1</sup> Jornal *El País*, Madrid, 22 de outubro de 1998.

buquê de flores, mandou-lhe uma passagem de avião de ida e volta. “Sou a mais nova de quatro irmãos e quando contei aos meus pais sobre a viagem, eles quase morreram de susto.” Mas do jeito que as coisas aconteceram, susto maior seria o de Eugenia. Quando embarcou para Barcelona, em 9 de agosto, ela deixou para trás o trabalho em uma agência de publicidade, o apartamento alugado e todos os seus pertences para que fossem vendidos. Ia encontrar-se com o amor da sua vida.

Quando Eugenia chegou ao moderno aeroporto de Barcelona, o seu galã parecia outra pessoa. “Pela internet era um homem culto e educado. Tinha ótimo senso de humor e me fazia rir muitíssimo. Quando o vi, descobri que não tinha nada a ver com a imagem que eu havia criado dele. Era mais baixo do que havia dito, malvestido e constantemente mal-humorado.” Enric fora pegá-la em um jipe muito sujo porque, segundo ele, sua casa estava em reforma. Depois, levou-a a um *apart-hotel*, onde passaram dois dias.

Enric se ausentava algumas horas porque, explicava, tinha de voar. Os dois dias foram normais, mas na noite da quarta-feira algo aconteceu: “Ele me levou a dois clubes de troca de casais. Eu disse que não estava de acordo com aquilo e ele me deixou no hotel. No dia seguinte, ligou para dizer que ia chegar mais tarde. Estou esperando até hoje”.

O que havia acontecido? Eugenia começou a investigar por conta própria. Primeiro foi ao endereço que Enric havia lhe dado de uma cidade do interior próxima a Barcelona, mas tal endereço não existia. Em seguida, ligou para a companhia aérea em Madri (que nem sequer tinha uma filial em Barcelona), mas ninguém conhecia Enric. Eugenia não acreditava no que estava acontecendo. Completamente desorientada, recorreu a um detetive particular, Jorge Colomar.



Este foi capaz de lhe dar as respostas que buscava. Descobriu que, na realidade, “a única coisa certa era o nome, Enric, e que se tratava de um delinquente habitual, que havia sido detido em onze ocasiões, passara vários períodos na prisão, sempre por pequenos roubos, e que nesse momento estava sendo procurado pela justiça”. Além do mais, o galã virtual havia subtraído alguns anos da própria idade; não tinha 36, como lhe havia dito, mas 40.

Infelizmente, Colomar não foi capaz de proporcionar a Eugenia uma resposta, talvez mais importante que a descoberta de que o seu “Romeu” era um delinquente vulgar, à pergunta: “Por que alguém gasta mais de 3 mil dólares para trazer uma pessoa da Venezuela com uma história cheia de mentiras que parece não levar a nada?”.

Continuemos em Barcelona. Outubro de 1998. Estamos na via expressa do litoral. Uma mulher dirige pela faixa correta da estrada. Ao chegar a um entroncamento, observa que há uma placa de desvio à esquerda.

Como essa mulher pretende seguir reto, educadamente pede licença a uma caminhonete que está à frente – esperando a mudança de sinal –, para ultrapassar pela direita e continuar o seu caminho. O motorista da caminhonete, ao ver que a mulher liga a seta e inicia a manobra de ultrapassagem, toca enfurecidamente a buzina e, impedindo que siga avançando, aproveita a superioridade física da caminhonete para, *crash!*, arremessar-se sobre o automóvel e chocar-se com ele como pirata em abordagem, gritando “cretina!” e outros “elogios”.<sup>2</sup>

Agora nos encontramos em Cúllar Vega, província de Granada, sul da Espanha, 17 de dezembro de 1997. Ana Orantes, que há quinze dias havia denunciado, no Canal Sul, a televisão andaluza,

<sup>2</sup> Sergi Pàmies para o jornal *El País*, Madrid, 5 de novembro de 1998.

que seu marido, José Parejo, a maltratara durante quarenta anos de vida em comum, chega com seu carro à residência de dois andares que ambos compartilhavam (um andar para cada um), porque o juiz determinara a divisão da casa com essa condição, a despeito da gravidade de todas as denúncias e queixas de Ana.<sup>3</sup> Parejo sabe o que tem que fazer. Pega um galão de gasolina e joga o inflamável à traição sobre a sua mulher; depois a queima viva. No pequeno jardim da casa há uma mangueira, mas ele não faz nada. Fica imóvel, observando Ana ser consumida pelas chamas.

No julgamento, Parejo chora com grande emoção; assegura que Ana o havia insultado previamente e que isso o fizera perder a cabeça. No entanto, os filhos do casal apresentam uma opinião bem diferente. Francisco, de 20 anos, diz: “Minha mãe era incapaz de insultá-lo porque tinha muito medo dele, principalmente quando estava sozinha”.

Piedimonte San Germano, sul da Itália, 18 de novembro de 1998, data do desaparecimento de Mauro Iavarone, de 11 anos. Eric, um peruano de 17 anos conhecido de Mauro, acompanha-o até um lugar onde se encontram outros adolescentes, entre eles Denis Bogdan, de 19. Eric vai embora, uma vez cumprida a sua missão. Deixa Mauro em um bosque distante uns 20 quilômetros da cidade. Ali, Denis e seus amigos matam Mauro, destruindo-lhe a cabeça.<sup>4</sup>

Qual fora o motivo para acabar com a vida de uma criança de 11 anos? De início, pensou-se que o assassino era um pederasta estuprador, que quisesse matar sua vítima para ocultar uma denúncia de abuso sexual. Mas a verdade era muito mais inconcebível. A razão

---

<sup>3</sup> Cf. jornal *El País*, Madrid, 10 e 16 de dezembro de 1998.

<sup>4</sup> Cf. jornal *El País*, Madrid, 30 de novembro de 1998.

foi dada pelo próprio “gancho” do crime, Eric, que havia escutado Denis planejar o assassinato: “Foi assassinado pelos próprios amigos, porque incomodava, falava demais e se intrometia no que não era da sua conta”.

Os quatro exemplos relatados, sem dúvida bastante díspares, parecem não ter relação alguma entre si. Entretanto, têm, sim. Os atos descritos são antissociais, alguns com uma grande falta de humanidade. Mas, sobretudo, são absurdos, inexplicáveis, diríamos até que são atos estúpidos. Diríamos ainda, correndo o risco de estar equivocados, que são comportamentos psicopáticos.

Neste livro aparecem muitos casos de comportamentos dessa espécie. Alguns são claramente criminosos, enquanto outros se caracterizam por serem contrários à sociedade (antissociais), mas todos são, sempre, imorais, humilhantes para uma ou mais pessoas, vexatórios à dignidade humana.

- Por que alguém demonstra gentileza, inventa prestígio social, gasta mais de 3 mil dólares para trazer uma pessoa da Venezuela e a abandona dois dias depois? Não poderia ter as melhores moças disponíveis da cidade com esse dinheiro? Não sabia que a sua fachada iria desabar quando a pretendente a conhecesse – baixinho, sujo e mal-humorado?
- Por que um motorista reage como um selvagem quando uma mulher lhe pede, gentilmente, licença em um sinal de trânsito?
- Por que um homem mata sadicamente a sua mulher depois de tê-la torturado durante quarenta anos de casamento?
- Por que um grupo de jovens mata sem piedade uma criança de 11 anos cujo único pecado consistiu em ser um “chato”? Não havia outra forma de se livrar da incômoda companhia?

Este livro é uma proposta para explicar esses porquês. Não pretendo apresentar um catálogo de horrores. Talvez se trate de “horrores cotidianos”, porque camaleão não é só o psicopata criminoso. Pode estar aparentemente integrado em nossa sociedade, viver na porta ao lado. Pode ser um político, o diretor de uma prisão, um policial, um professor universitário, um bancário ou um garçom.

A tese fundamental deste ensaio pode ser resumida nos seguintes pontos:

1. Muitos comportamentos que atualmente qualificam-se como “incompreensíveis” são obra de psicopatas. O que pretendemos é explicar quem são eles e porque fazem o que fazem.
2. Os psicopatas criminais são muito perigosos. Constituem os delinquentes mais violentos e estão presentes em muitos dos casos de agressões a mulheres e crianças, assassinatos em série, violações sistemáticas e multirreincidentes. É preciso dispor-se a identificá-los e fazer um esforço para que recebam atenção adequada.
3. Muitas outras pessoas são psicopatas e não se dedicam ao crime. Podem viver em nosso prédio, ser nosso marido, esposa ou amante, nosso filho, nosso colega de trabalho, um político... É vital compreender isso, enxergar a magnitude do problema.
4. Os psicopatas que não são delinquentes habituais adaptam-se a muitas circunstâncias, se camuflam, manipulam, depreciam nossas instituições públicas, abalam nossa confiança nas pessoas e são capazes de nos levar ao inferno em vida. Estão especialmente preparados para desprezar as necessidades dos demais e são capazes de machucar e maltratar sem piedade; por isso, constituem um dos maiores desafios à humanidade no século XXI.

5. Há uma predisposição à psicopatia. Parece difícil contestar essa opinião com os dados científicos que temos até agora. Por isso, é fundamental lembrar que o meio social que construímos para viver com nossos filhos pode ser de vital importância para inibir de forma relevante esse fenômeno, ou para fomentá-lo e gerar o que alguns autores chamam de “uma sociedade psicopática”.

Nos últimos cinquenta anos, conseguimos desenvolver uma extraordinária tecnologia. Desafortunadamente, nossa capacidade para nos organizar em sociedade não coincidiu com esse desenvolvimento.<sup>5</sup> Junto a artefatos e avanços médicos que deixaram obsoletos muitos romances de ficção científica de alguns anos atrás, criamos os extensos problemas “globais” que hoje nos provocam ansiedade: o crime e as drogas, a contaminação ambiental, os genocídios, os inumeráveis acidentes de trânsito... Porém, a menos que pensemos que tais sinais sejam um resultado da evolução natural, teremos de convir que a mão do homem encontra-se por trás dessas calamidades.

Defendo a ideia de que tais problemas agravam-se de modo extraordinário graças à ação dos psicopatas ou, pelo menos, como resultado do comportamento de pessoas que, sem desenvolver plenamente essa condição, adotaram formas psicopáticas de relação com os demais. Daí acreditar que a qualidade de vida de nossa espécie e de nosso planeta passa, necessariamente, pela luta contra o aumento dos casos de psicopatia. Porque a maldade e a capacidade destrutiva desses sujeitos resultam óbvias quando estamos diante de um personagem notoriamente público, como Slobodan Milosevic ou Saddam Hussein, cujo comportamento conduziu milhões de pessoas a abismos miseráveis.

---

<sup>5</sup> Cf. V. Garrido, P. Stangeland e S. Redondo (1999), *Principios de criminología*. Valencia: Tirant Lo Blanch, último capítulo.

Este livro pretende demonstrar que no campo da psicopatia “cabem” todos: artistas, intelectuais, analfabetos, pobres e ricos. Alguns casos estão convenientemente documentados em relatórios públicos (como, por exemplo, o caso do violador do Ensanche\*) ou em meu próprio arquivo pessoal. Mas a grande maioria é descrita por fontes indiretas, como artigos de imprensa ou comentários de livros. Por isso, é importante que o leitor entenda que não estou afirmando que os exemplos citados representam autênticos psicopatas e, sim, que ilustram comportamentos que um “psicopata típico” teria ou que proporcionam uma reflexão para exemplificar diversos graus de psicopatia.

Um bom exemplo é o de Luis Roldán.\*\* Não tenho nenhum estudo sobre a sua personalidade ou qualquer outra informação, além do que foi veiculado na mídia. Não posso dizer que Roldán é um psicopata. Mas posso assegurar que muitas ações creditadas a ele (fingir estudos que não tinha; organizar bacanais tendo um alto cargo do governo; subir do nada para cargos de grande confiança; roubar e enganar de forma incrível; protagonizar situações burlescas e incompreensíveis...) são bastante características dos psicopatas, ou seja, são comportamentos tipicamente psicopáticos. Se Roldán não é um psicopata, muitos dos seus atos (dentre os que foram revelados) por certo o são.

---

\* Seu nome é Francisco López Maíllo e ele atacava as vítimas no bairro Ensanche, de Barcelona, Espanha. Foi condenado a 592 anos de prisão, mas cumpriu apenas 14 por boa conduta. (N.T.)

\*\* Foi diretor-geral da Guarda Civil espanhola e protagonista do maior escândalo de corrupção no período de governo socialista na Espanha. O prof. Garrido analisa o caso no capítulo 4 deste livro. (N.T.)